

Estudo do processo de transmissão de *Grande sertão: veredas*,
de Guimarães Rosa, em livros didáticos
de língua portuguesa

*Studies on the transmission process of Grande sertão: veredas, by
Guimarães Rosa, in Portuguese textbooks*

Josenilce Rodrigues de Oliveira Barreto*
Universidade Federal do Oeste da Bahia, Barreiras, BA, Brasil

Manoel Mourivaldo Santiago-Almeida**
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil

Resumo: Temos por objetivo realizar, neste trabalho, uma investigação acerca do processo de transmissão que o texto *Grande sertão: veredas* (1967), de Guimarães Rosa, percorreu até chegar, como produto final, às mãos dos alunos e professores da educação básica, através dos Livros Didáticos de Língua Portuguesa - LDLPs. Para isso, coletamos treze LDLPs, dos quais apenas seis apresentaram menção ou fragmentos do referido texto. Partindo desse corpus, realizamos o cotejo entre os fragmentos encontrados de *Grande sertão: veredas* nos LDLPs e o texto-base, este definido como a quinta edição da referida obra, publicada em 1967, ainda em vida do autor. A partir do cotejo, detectamos algumas mutilações textuais no que tange à adição, omissão, alteração ou substituição de pontuação, palavras, frases ou trechos inteiros, o que pode prejudicar o entendimento e o conhecimento do próprio texto, já que muitos estudantes têm acesso a muitos textos literários somente a partir de tais materiais didáticos. Feitas essas considerações, destacamos que, para a realização deste trabalho, amparamo-nos nos preceitos teórico-metodológicos, principalmente, de Blecua (1983), Cambraia (2005), Spaggiari e Perugi (2004) e Spina (1994), que versam sobre o labor do crítico textual, bem como sobre o processo de transmissão de textos literários.

Palavras-chave: Crítica Textual. *Grande sertão: veredas*. Livros didáticos de língua portuguesa.

Abstract: Through this research, we aim to carry out an investigation about the transmission process which the text *Grande sertão: veredas* (1967), by Guimarães Rosa, experienced until it arrived, as a final product, at the hands of the students and teachers from the basic education, mainly through the portuguese textbooks or LDLP (*Livro Didático de Língua Portuguesa*). In order to do so, we collected thirteen of these portuguese textbooks (LDLPs), from which only six of them presented mention or fragments coming from the text. From there on, we compared the fragments of *Grande Sertão: veredas* found in the textbooks and the original text, which is defined as the fifth edition of the work, published in 1967, while the author was still alive. From such comparison, we detected some textual mutilations regarding the addition, omission, alteration or replacement of

* Professora Assistente da Área de Língua Portuguesa do Centro das Humanidades, Universidade Federal do Oeste da Bahia, Barreiras, BA, Brasil; josenilce.barreto@ufob.edu.br

** Professor Titular do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil; msantiago@usp.br

punctuation, words, phrases or whole passages, which may interfere dramatically on the understanding and knowledge of the text itself, since many students have access to literature only through such textbook materials. In order to carry out the research, we focused on the theoretical-methodological precepts of Bleuca (1983), Cambraia (2005), Spaggiari and Perugi (2004) and Spina (1994) – they all discuss the labor of the text critics, as well as the transmission process of literary texts.

Keywords: Textual Criticism. *Grande sertão: veredas*. Portuguese textbooks.

1 INICIANDO UM DIÁLOGO ...

O primeiro dever do crítico textual é guardar a integridade dos documentos mais importantes da nossa literatura e da nossa cultura. Trata-se de uma questão de princípio em torno da qual não pode existir compromisso nenhum. Permitir que qualquer corrupção, mesmo pequena, infiltre a transmissão da nossa herança literária, seria o mesmo que admitir a possibilidade que um pecadilho possa ser cometido no Éden (Bowers, 1975 apud Spaggiari; Perugi, 2004, p. 173).

Ao iniciarmos este diálogo a partir da fala de Bowers (1975 apud Spaggiari; Perugi, 2004, p. 173), trazemos à tona a questão que norteará este trabalho: a genuinidade dos textos literários, disponibilizados nos livros didáticos de Língua Portuguesa. Metaforicamente, Bowers (1975 apud Spaggiari; Perugi, 2004, p. 173) compara a corrupção de um texto com a possibilidade de um pecadilho acontecer no Jardim do Éden, o que, biblicamente, seria inaceitável, justamente porque corromper um texto literário seria o mesmo que “pecar contra Deus”. Assim, o crítico textual deve “evitar quaisquer pecadilhos” e manter a integridade dos textos, não permitindo que nenhuma corrupção afete a sua transmissão.

Partindo disso, adentramos no âmbito da Crítica Textual, que já possui mais de dois mil anos de existência, mas ainda é pouco conhecida fora do âmbito acadêmico. Academicamente, a referida disciplina surgiu pela necessidade que se tinha de fazer edição de textos produzidos na Antiguidade como, por exemplo, a *Iliada* e a *Odisséia*. Com vistas à elaboração de edições de textos variados, no século III a.C., na antiga Biblioteca de Alexandria, no Egito, reuniram-se os primeiros filólogos para estudar e realizar atividades voltadas para o texto e para a língua.

Inevitavelmente, o labor filológico foi se consolidando à medida que as cópias de textos assaz importantes, tais como aqueles cuja autoria foi atribuída a Homero, foram ficando cada vez mais recorrentes, bem como os seus leitores de uma elite prestigiada. Assim, não é de se admirar que, ainda nesse período, Filologia fosse sinônimo de erudição, haja vista os conhecimentos necessários à realização da prática de edição de texto, como assinala Bueno (1967, p. 6):

FLP21(1)

[...] o conceito de filologia era idêntico, na antigüidade clássica, ao de erudição, não existindo diferença entre *eruditus*, *grammaticus* e *philologus*. A estas denominações podemos acrescentar ainda outra: a de *criticus*. Mas, para a cabal execução de tal ofício se requeria erudição, pleno conhecimento da língua e da literatura, da história e da mitologia, vindo, portanto, mais uma vez, confirmar que todas essas denominações, por mais variadas que fossem, se reduziam todas ao conceito único de *erudição*.

Diante disso, concluímos que o filólogo é um erudito. Assim, pelo fato de cada texto possuir peculiaridades, que exigem do editor conhecimentos de várias áreas do saber, chegamos à constatação de que as ciências interdisciplinares são cruciais para o filólogo, principalmente porque a sua função principal é disponibilizar edições passíveis de confiabilidade e, para isso, ele precisa conhecer o texto em toda sua amplitude.

Logo, inferimos que, ao estabelecer um texto, o filólogo parte dos aspectos inerentes àquele para chegar a uma edição crítica fidedigna. Entretanto, não podemos deixar de lado o fato de que, em seu processo de transmissão¹, o texto acaba passando por algumas modificações, as quais podem ter ocorrido por causa de fatores exógenos ou endógenos.

Sobre os primeiros, esses estão diretamente relacionados com o tipo de suporte material, tais como o papiro, o pergaminho, o papel, a tinta, o grafite etc. No caso, as corrupções do texto podem ter sido ocasionadas por conta do manuseio indevido do suporte material, das ações de insetos (os quais podem causar furos, manchas ou apagamento da mancha escrita), das ações do tempo (tais como a oxidação da tinta, a umidade, o calor, etc.), das calamidades naturais (tais como enchentes, terremotos, incêndios sem intervenção humana etc.) e do mal acondicionamento do documento. Os fatores endógenos, por sua vez, ocorrem por causa da ação de reprodução do texto em si. Essas ações podem ser autógrafas (feitas e autorizadas pelo próprio autor), apógrafas (feitas por editores ou copistas, mas com a autorização do autor) ou apócrifas (feitas por terceiros e cuja autoria é passível de dúvida) (Cabraia, 2005; Spaggiari; Perugi, 2004).

Resolver tais problemáticas é tarefa do editor crítico, já que a Crítica Textual trata exatamente da “[...] *restituição da forma genuína dos textos*, i. é, de sua *fixação* ou *estabelecimento* [...]” (Cabraia, 2005, p. 13, grifos do autor).

Contudo, é durante a Antiguidade que a Filologia, enquanto prática de edição de textos, surge e, já naquele período, os filólogos alexandrinos criaram um sistema de análise, conhecido através de símbolos, como, por exemplo: óbelo (-): verso apócrifo; asterisco (*): verso incorreto repetido em outro lugar, com vistas à identificação dos tipos de alterações sofridas pelo texto. Com isso, foi permitido que as gerações futuras àqueles filólogos pudessem conhecer tais documentos, já que os alexandrinos apenas marcavam as irregularidades, sem, no entanto, interferir diretamente no texto (cf. Cabraia, 2005).

¹ Em Crítica Textual, o termo ‘processo de transmissão’ diz respeito às modificações pelas quais um texto passa à medida que é copiado ou editado, e, em seguida, transmitido/divulgado.

Ainda de acordo com Cambraia (2005), é-nos informado que durante o período da Itália renascentista (séculos XIV ao XVI), existiram gerações de filólogos que deram prosseguimento ao método aplicado pelos alexandrinos. Através dos trabalhos dos filólogos renascentistas foi possível a recolha de muitos manuscritos, comparando-os com outros mais antigos e corrigindo as falhas de cópias realizadas pelos escribas. Nesse ínterim, tem-se notícia do primeiro manual de Crítica Textual, cuja autoria é atribuída ao italiano Francesco Robortello (1516- 1567).

Nos séculos seguintes, o trabalho continuou. Na França no século XVI, na Holanda nos séculos XVI e XVII e na Inglaterra e Alemanha no século XVIII, houve vários estudiosos que contribuíram para a consolidação da Crítica Textual (cf. Cambraia, 2005). Contudo, é somente no século XIX que a disciplina adquire o status de ciência, haja vista as contribuições dos estudos de Karl Lachmann (1793-1851), nos quais é apresentado um método para o estabelecimento de um arquétipo, aplicado a textos antigos ou perdidos, a partir do estudo da tradição. Em outras palavras, é com Lachmann que a Crítica Textual adota critérios muito mais rigorosos, tomando como ponto de partida os estudos anteriores àquele.

Embora o método de Lachmann tenha sido criado para ser aplicado a textos muito antigos ou cujo original tenha se perdido no processo de transmissão, não podemos esquecer de que foi graças a Karl Lachmann, com a publicação das edições críticas do *Novo Testamento* em grego (1842-1850) e do poema *De Rerum Natura* de Lucrécio (cf. Spina, 1994), que a Crítica Textual passou a ser vista como ciência, no século XIX, e dessa iniciativa derivam os modelos de edições críticas de textos, realizadas pela Filologia Moderna. Assim, é notável o avanço nos campos de atuação da Crítica Textual, haja vista a sua preocupação com a genuinidade dos textos publicados.

Tomando essas considerações como ponto de partida, lançamos mão de verificar, com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Crítica Textual, como os textos literários escritos em Língua Portuguesa têm sido transmitidos, via Livro Didático de Língua Portuguesa, doravante LDLP, a partir dos anos 2000. Para tal propósito, elegemos o romance *Grande sertão: veredas* (1967), de Guimarães Rosa, como a obra a ser analisada em seu processo de transmissão em alguns LDLP, principalmente por dois motivos: primeiro, por conta da importância artístico-literária-filosófica do referido romance modernista, produzido com uma linguagem singular, que transborda sutileza entre a fala e a narrativa poética, e cujo período histórico representa uma intensa necessidade de engajamento político e escolhas de temáticas da vida cotidiana para ser a narrativa central de algumas obras, como é caso do romance em questão. Segundo, porque os LDLPs são, na maioria das vezes, o principal, senão o único, meio de acesso a textos literários por boa parte dos alunos, enquanto leitores em formação. Sobre este segundo motivo, Cambraia (2005, p. 191) afere o seguinte:

Considerando que, no sistema de ensino de forma geral, o livro didático - um texto escrito, portanto - é o principal instrumento de trabalho, era de esperar que houvesse grande rigor em sua elaboração, pois atinge milhões de leitores. A realidade, no entanto, parece não condizer com esse pressuposto.

Partindo da realidade de produção dos LDLPs por parte das editoras, torna-se necessário verificar se tais instrumentos de ensino continuam repetindo as mesmas falhas, que foram observadas por Mendes (1986, p. 163-164) em outros livros didáticos durante a sua pesquisa, na década de 1980, a saber:

[...] a) não se costuma indicar que se trata de fragmento, quando um texto não foi integralmente transcrito. O mesmo ocorre quando o texto é interrompido e retomado adiante.

b) Por vezes, as supressões de trechos nos dão a impressão de que isto se dá em função do espaço, ou seja, sacrifica-se a unidade do texto, para que se encaixe num pedaço do papel que a ele foi destinado, depois de feitas as ilustrações.

c) No caso de poemas, o desrespeito ao texto está freqüentemente associado a problemas de disposição gráfica dos mesmos. Por isso, suprimem-se versos, dois ou três versos se reduzem a um, ou vice-versa, um verso se desdobra em dois ou três [...].

Assim, a nossa maior preocupação neste trabalho não é realizar uma edição crítica de *Grande sertão: veredas* (1967), mas verificar a transmissão e os contextos em que tais textos foram inseridos em alguns LDLPs, atentando-nos para as seguintes indagações: de que forma os textos literários são transmitidos e/ou adaptados aos LDLPs? Existem critérios, anunciados pelos editores nos próprios LDLPs, aplicados aos textos literários para as adaptações? Em que medida é possível aferir a manutenção ou não da genuinidade dos textos literários nos LDLPs? As fontes ou os textos-base escolhidos para a seleção dos textos literários a serem diagramados nos LDLPs são passíveis de confiabilidade? São essas questões que tentaremos responder, ao longo deste trabalho, em consonância com as observações de Mendes (1986), pontuadas anteriormente.

FLP21(1)

2 O CORPUS E A METODOLOGIA

Quando se trata de textos literários, como é o caso do corpus deste trabalho, temos que pensar na trajetória que tais textos percorrem até chegar, como produto final, às mãos dos alunos e professores, através dos LDLPs. Com base nessa constatação, entendemos que o texto literário passa por vários processos até chegar à sua publicação no LDLP, a saber: os manuscritos (originais), editor literário, primeira publicação, autor do LDLP, textos publicados, editor do LDLP e publicação do LDLP (Baldow, 2013). Em outras palavras,

[...] o autor do livro didático organiza os originais, dentro do projeto editorial-pedagógico, e submete-o ao editor que, dessa forma, assume um lugar estratégico na autoria do LDP, mobilizando pessoal para cada especificidade, ajustando os textos, organizando-os de acordo com as configurações das páginas, participando ativamente da dinâmica, desde a diagramação até o PDF final. (Baldow, 2013, p. 45).

Entretanto, apesar da existência dessas etapas, os problemas advindos da seleção, edição e publicação de textos literários nos LDLPs persistem e, em vista disso, o complexo trabalho de conscientização das editoras acerca da relevância de se selecionar e inserir textos literários fidedignos nos LDLPs está longe de findar, haja

vista a demanda do próprio mercado editorial, que faz com que as editoras, em busca de economia de custos de impressão e de um amplo público de compra, realizem um trabalho mais preocupado com o mercado do que com a forma como os textos serão recebidos pelo seu público alvo.

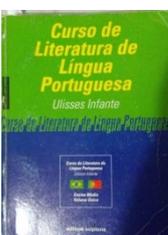
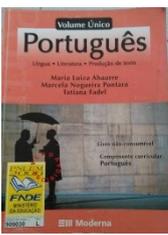
Contudo, é importante frisar que as edições preparadas para serem publicadas nos LDLPs independem do conhecimento e da vontade/autorização do autor do texto literário, uma vez que esse não é consultado. Assim, os LDLPs apresentam, em sua grande maioria, apenas fragmentos do texto original, ora mencionando que é um fragmento, ora sem nenhum tipo de menção. Quando se trata de textos adaptados, há que se reconhecer que a adaptação ocorre também por conta do processo editorial, já que há uma quantidade de caracteres e configurações de paginação previamente delimitados. Entretanto, por conta da limitação espacial dentro do LDLP, o leitor não é informado de que houve modificações no texto literário e que essas são de inteira responsabilidade do autor do livro didático, que é incumbido de interpretar e, até mesmo, de alterar o texto literário, para que ele cumpra e caiba nos objetivos daquele instrumento de ensino.

Pensando na problemática anteriormente apresentada é que decidimos enveredar em uma investigação em alguns LDLPs, a fim de identificar de que forma os textos literários são transmitidos nesses livros e se há menção de que os textos foram modificados ou não para atender aos objetivos do editor do LDLP, e os contextos em que os textos foram inseridos. Como cada livro consultado possui muitos textos literários e pelo fato de este trabalho não comportar, no momento, todas as análises almejadas, decidimos apresentar apenas a transmissão do romance *Grande sertão: veredas* (1967), de Guimarães Rosa, que apareceu em 6 dos 13 livros didáticos consultados, incluindo-se na contagem 4 coleções, 3 com 3 livros cada e outra com 4 livros.

Com base nos materiais selecionados, apresentamos a primeira etapa deste trabalho: a *recensio*² ou a relação dos livros didáticos em que fragmentos do referido romance aparecem ou em que há menção da obra, como pode ser observado no quadro a seguir, organizado a partir da data de publicação de cada LDLP, os quais foram listados de forma decrescente.

² Em Crítica Textual, esta etapa do trabalho se caracteriza como “[...] o estudo da tradição manuscrita ou impressa de uma dada obra. Tal estudo consiste na análise comparativa das *varia lectio* quando a obra foi transmitida por vários manuscritos. [...]” (*Glossário de Crítica Textual, s.v. recensio*).

Quadro 1 - Relação dos livros didáticos em que *Grande sertão: veredas* (1956/1968) aparece ou é mencionado.

<i>Capa</i>	<i>Título do livro</i>	<i>Autor(es)</i>	<i>Editora, edição, ano</i>	<i>Título do texto didatizado</i>	<i>Página(s)</i>
	<i>Araribá Plus Português – 8º ano</i>	Obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Moderna	Moderna 4ª ed. 2014	Texto 1: <i>Grande sertão: veredas</i>	266 a 267
	<i>Português: Volume único</i>	João Domingues Maia	Ática 2ª ed. 2005	Texto 2: <i>Grande sertão: veredas</i> – João Guimarães Rosa	430 a 433
	<i>Novas palavras: Língua Portuguesa: ensino médio – 3ª série</i>	Emília Amaral, Mauro Ferreira, Ricardo Leite e Severino Antônio	FTD 2ª ed. 2005	Texto 3: Primeira Leitura – <i>Grande sertão: veredas</i> – João Guimarães Rosa	116 a 117
	<i>Português: Língua, Literatura e Produção de texto</i>	Maria Luiza Abaurre, Marcela Nogueira Pontara e Tatiana Fadel	Moderna 2ª ed. 2004	Texto 4: <i>Grande sertão: veredas</i> – João Guimarães Rosa	143
	<i>Curso de Literatura de Língua Portuguesa – Vol. Único</i>	Ulisses Infante	Scipione 1ª ed. 2001	Texto 5: <i>Grande sertão: veredas</i>	581
	<i>Língua e Literatura – Vol. 3</i>	Faraco e Moura	Ática 21ª ed. 2000	Texto 6: <i>Grande sertão: veredas</i> , Guimarães Rosa	314 e 348

FLP21(1)

Dentre os 6 livros em que aparece o texto literário em análise, um deles não possui fragmentos da obra. Trata-se do *Curso de Literatura de Língua Portuguesa* (2001), volume único, produzido por Ulisses Infante, em que há, na página 581, um texto explicativo sobre o estilo e a produção literária de Guimarães Rosa, incluindo-se nele uma abordagem crítico-literária sobre *Grande sertão: veredas*, embasada no texto do encarte do CD *João Guimarães Rosa*, escrito por Davi Arrigucci Jr. e mencionada por Infante (2001). Logo, como não há, de fato, um fragmento do romance de Guimarães Rosa para o cotejo entre o texto-base³ e o LDLP, o **texto 5** será descartado da análise aqui empreendida.

Cabe ressaltar, contudo, que ainda nessa etapa começou a aparecer uma significativa quantidade de variantes, as quais são entendidas, no âmbito da Crítica Textual, como lições divergentes, existentes em um determinado lugar do texto, entre dois ou mais testemunhos, que implicam a existência de erro de cópia, de edição ou de impressão (*Glossário de Crítica Textual*, s.v. variante). No caso do nosso trabalho, consideramos as variantes substantivas, compreendidas como palavras, frases ou parágrafos inteiros que foram modificados no processo de transmissão do texto; e as variantes acidentais, que se referem aos erros de ortografia, sinais de pontuação, divisão de palavras e emprego de maiúsculas, que “[...] revestem uma indubitável relevância cultural [...]” (Spaggiari; Perugi, 2004, p. 107).

Assim, optamos por analisar, além das variantes substantivas, as acidentais, dentro das quais encontramos as alterações ortográficas, por entendermos que estas apresentam significativa relevância. Sobre isso, Spaggiari e Perugi (2004, p. 107-108) aferem que as alterações ortográficas revelam:

- a distinção básica entre variantes meramente gráficas, e variantes substantivas, há de prever uma categoria especialmente destinada às variantes linguísticas (morfofonéticas);
- as variantes gráficas podem apresentar grafemas desestruturados ou arcaicos, e por isso mesmo susceptíveis, não apenas de fornecer informações sobre os modelos utilizados pelo copista, mas também de agir como fatores dinâmicos, incidindo na vertente do significado [...];
- ao invés, um grafema descodificado pelo escriba com base no seu sistema fonológico, pode, à medida que este difere do sistema próprio do original, ocasionar variantes substantivas mesmo importantes;
- a relevância das variantes gráficas e linguísticas é proporcional ao nível de estandardização da tradição examinada.

FLP21(1)

Como se pode observar, as variantes acidentais também nos permitem identificar vários aspectos importantes do texto. Por isso, iniciamos o levantamento das variantes endógenas, não autorais, existentes na transmissão dos textos, tomando como aporte teórico o trabalho de Blecua (1983), para o qual existe um sistema de classificação das variantes, a saber: adição, quando ocorre o acréscimo de palavras, pontuação, frases, parágrafos e sílabas; omissão, quando ocorre o processo inverso em um ou mais dos elementos suprimido(s); alteração, quando ocorre a inversão de

³ Em Crítica Textual, o texto-base é o testemunho adotado na edição crítica, ou seja, aquele cujas lições não passam, em caso de variação, para o aparato crítico. Assim, a sugestão dos manuais de Crítica Textual é a de que se adote como texto-base aquele que represente a última vontade do autor ou, em sua ausência, o testemunho não autógrafa que lhe esteja mais próximo (cf. Cambraia, 2005; Spaggiari; Perugi, 2004; Spina, 1994).

palavras, frases ou parágrafos inteiros; e a substituição, quando uma palavra, frase, sílaba ou parágrafo são substituídos ou aglutinados.

Utilizando-se desse sistema, realizamos o cotejo, para o qual foram criados quadros comparativos em que estão dispostos, à esquerda, o texto-base, e sempre à direita, o texto disposto no livro didático consultado, organizado na mesma ordem apresentada no quadro anterior. Assim, apresentamos, sequencialmente, o cotejo entre o texto-base e o que chamamos de texto 1, texto 2, texto 3, 4 e 6, presentes nos LDLPs, sempre em comparação com o texto-base. Além disso, levamos em consideração, nas análises, o contexto em que cada fragmento foi disposto no LDLP, apontando a sua relação com as atividades propostas.

Para cada variante encontrada, foi adotado um símbolo para marcá-la: quando for adição, colocaremos a palavra/trecho na cor verde dentro de colchetes - []; quando for omissão, colocaremos a palavra/trecho na cor azul dentro de colchetes uncinados - < >; quando for alteração, colocaremos a palavra/trecho na cor laranja dentro de parênteses - (); e quando for substituição, colocaremos a palavra/trecho na cor vermelha dentro de barras duplas - //, acompanhado da marcação em negrito. Pontuada a metodologia, passemos às análises.

3 ANÁLISE DO CORPUS

Para a análise do corpus, admitimos como texto-base a quinta edição (1967) de *Grande sertão: veredas*, publicada, em paralelo com *Tutaméia – terceiras estórias* (1967), pouco antes da morte do autor, Guimarães Rosa (1908-1967). Logo, a edição utilizada neste trabalho, foi publicada sob a sua autorização. Além disso, optamos por utilizar a referida edição como texto-base pelo fato de o presente trabalho ser apenas a primeira etapa de uma pesquisa, para a qual, em uma segunda etapa, será realizado o cotejo entre os textos-fonte (aqueles mencionados pelo editor como fonte de consulta) e os próprios LDLPs, com a finalidade de verificarmos se os textos apontados como fontes de consulta realmente o foram, como assinalam os próprios LDLPs. Posto isto, dispomos as análises.

FLP21(1)

Quadro 2 - Cotejo entre o texto-base e o texto 1 didatizado.

Texto-base – <i>Grande sertão: veredas</i> (1967)	Texto didatizado – <u>Texto 1</u> constante em <i>Araribá Plus Português</i> (2014), p. 266-267
- (NONADA) . [...] Por meu <acêrto>. [...] Mesmo que, por defeito como nasceu, arrebitado de beíços, <êsse> figurava rindo feito pessoa. [...]	Grande sertão: veredas - (Nonada) . [...] Por meu <acerto>. [...] Mesmo que, por defeito como nasceu, arrebitado de beíços, <esse> figurava rindo feito pessoa.
ROSA, João Guimarães. <i>Grande sertão: veredas</i> . Rio de Janeiro: José Olympio, 1967. p. 9-24.	João Guimarães Rosa. <i>Grande sertão: veredas</i> . 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p. 23-24; 41-43. (Fragmento)

Sobre o excerto, podemos identificar a presença de algumas palavras do texto-base que sofreram modificações, no que concerne à acentuação, o que se caracteriza como variante accidental, já que não houve uma alteração substantiva na

transmissão do texto-base. Logo, quando se tratar desse tipo de variante, apresentaremos apenas alguns de seus exemplos, como é o caso do fragmento, a fim de deixar clara a sua existência. Além disso, houve também alteração na primeira palavra do fragmento, *Nonada*, que é apresentada somente com a letra inicial maiúscula, enquanto que no texto-base toda a palavra está grafada em letras maiúsculas, fato cuja explicação é obscura, já que não se sabe o porquê de a edição de 2001 ter modificado a sua formatação/apresentação⁴.

Assim, podemos afirmar que o referido fragmento é muito próximo do texto-base. Todavia, como o LDLP é um importante instrumento de ensino, não podemos descartar o contexto em que o fragmento literário foi inserido no livro didático, haja vista o aspecto significativo de se pensar acerca da contextualização de quaisquer textos literários didatizados. Com base nessas observações, verificamos, além da transmissão do texto em si, os contextos em que o referido fragmento aparece no LDLP. Assim, identificamos que o trecho está disposto em uma seção denominada *Leitura da hora*, em que há alguns esclarecimentos do editor do livro didático sobre o fragmento a ser apresentado, a saber: há notas de esclarecimento dizendo que a grafia original do texto foi mantida e que Guimarães Rosa é “[...] um dos autores brasileiros mais famosos por conta de sua prosa poética [...]”. Sobre os esclarecimentos referidos, é importante mencionar que, de fato, ao utilizar como texto-fonte a edição de 2001, a grafia foi mantida, mas, como já pontuado, a edição não corresponde ao texto-base, no que concerne à acentuação, autorizada pelo autor ainda em vida.

O editor ainda acrescenta, quase no final do fragmento, uma nota dizendo que o objetivo do trecho é permitir que os estudantes tenham um primeiro contato com a obra de Guimarães Rosa, ainda que o texto lhes cause estranhamento, o qual pode servir como uma provocação ou desafio para o novo leitor, para o qual não é importante entender o significado de todas as palavras, mas perceber como a língua pode ser usada de forma poética e criativa. Ademais, nota-se que o editor do LDLP também faz menção de que o excerto é apenas uma parte do romance, o que é, de certa forma, positivo, pois o aluno, de antemão, sabe que aquele texto é apenas uma amostra da obra.

Também não podemos deixar de mencionar que, após a leitura do fragmento e das notas explicativas, não há nenhuma atividade ou sequer menção ao romance na atividade proposta sobre orações subordinadas adjetivas, que aparece na página seguinte do livro. Muito pelo contrário, as atividades propostas remetem a um texto apresentado na unidade anterior e que não tem relação com o trecho retirado de *Grande sertão: veredas* (2001), o que é incoerente, já que o texto disponibilizado acaba sendo descartado, pois o aluno não terá necessidade de voltar ao fragmento do romance de Guimarães Rosa ou de relê-lo se não o quiser, sem contar que, para responder às atividades gramaticais propostas, o aluno terá que voltar à página 242, já que ele está na 268, para consultar o texto-base das atividades propostas.

Postas essas considerações sobre o texto 1 didatizado, passemos à análise do segundo.

⁴ O sistema de referências bibliográficas adotado nos quadros é o mesmo constante nos textos didatizados. Os números das páginas consultadas são os mencionados pelo editor do LDLP. Optamos por manter a normatização existente nos LDLPs e, de maneira similar, dispomos a referência do texto-base, para que não haja discrepância na forma de apresentação de ambas as referências.

Quadro 3 - Cotejo entre o texto-base e o texto 2 didatizado.

<p>Texto-base – <i>Grande sertão: veredas</i> (1967)</p>	<p>Texto didatizado – <u>Texto 2</u> constante em <i>Português: Volume único</i> (2005), p. 430-433</p>
<p>[...] Diadorim vinha constante comigo. Que viesse sentido, soturno? Não era, não, isso eu é que estava crendo, e quase dois dias enganoso cri. Depois, <sòmente>, entendi que o emburro era mesmo meu. Saudade de amizade. Diadorim caminhava correto, com <aquêle> passo curto, que o <dêle> era, e que a brio pelejava por espertar.</p>	<p>Diadorim vinha constante comigo. Que viesse sentido, soturno? (alteração de paragrafação) Não era, não, isso eu é que estava crendo, e quase dois dias enganoso cri. Depois, <somente>, entendi que o emburro era mesmo meu. Saudade de amizade. Diadorim caminhava correto, com <aquêle> passo curto, que o <dele> era, e que a brio pelejava por espertar.</p>
<p>ROSA, João Guimarães. <i>Grande sertão: veredas</i>. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967. p. 282-283.</p>	<p>Guimarães Rosa, João. <i>Grande sertão: veredas</i>. 12. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978. p. 282-3.</p>

No cotejo, podemos verificar, similarmente ao primeiro texto, que há alteração de paragrafação logo no início do fragmento apresentado e também a omissão da acentuação. Logo, o texto didatizado não apresenta variantes substantivas, o que nos leva a afirmar que o fragmento e o texto-base não possuem disparidades significativas.

Todavia, assim como no texto 1 didatizado, é imprescindível mencionar o contexto do LDLP em que o fragmento está disposto. Trata-se da unidade 44, que versa sobre a terceira fase do Modernismo no Brasil e que é iniciada com um pequeno texto elucidativo sobre o romance *Grande sertão: veredas* (1967). No texto há uma contextualização sobre o personagem Riobaldo, seu tipo de narrativa e sua amizade com Diadorim, relação de grande conflito presente na obra. Após a introdução, o fragmento do romance é apresentado, seguido de um pequeno vocabulário e de algumas questões interpretativas sobre o conteúdo do trecho literário lido.

Em seguida, é proposta uma questão para que o leitor discuta com os colegas sobre quem tem mais facilidade em expressar emoções, o homem ou a mulher, e em quais situações isso ocorre. Por fim, há uma proposta de estudo da intertextualidade do texto apresentado com um poema de Carlos Drummond de Andrade, abordando quais mulheres podem ser consideradas guerreiras e como podemos caracterizá-las.

Entretanto, precisamos pontuar um aspecto negativo nessas atividades interpretativas: as questões referentes às personagens femininas são inseridas em um contexto em que, no fragmento, não está explícita a presença de uma mulher no diálogo com Riobaldo, já que ainda não estava claro que Diadorim era mulher.

Portanto, o fragmento apresentado apenas narra o momento em que Diadorim rejeita o presente de Riobaldo, sem, no entanto, haver a constatação de que é um homem tentando presentear uma mulher, ao contrário, é um amigo tentando presentear outro, o que não explica como as atividades propostas se relacionam com o fragmento lido, já que no trecho do romance não há a presença de uma mulher, que explique o porquê de as questões estarem centradas no universo

FLP21(1)

feminino. Ao contrário, se o editor do LDLP tivesse escolhido o fragmento do romance em que Riobaldo descobre que Diadorim é mulher, com certeza as questões estariam perfeitamente relacionadas com o trecho do romance.

Feita a análise do texto 2 didatizado, passemos ao texto 3:

Quadro 4 - Cotejo entre o texto-base e o texto 3 didatizado.

Texto-base – <i>Grande sertão: veredas</i> (1967)	Texto didatizado – <u>Texto 3</u> constante em <i>Novas palavras: Língua Portuguesa: ensino médio</i> (2005), p. 116-117
<p>Fragmento 2</p> <p>[...]. Afirmo ao senhor, minha Otacília ainda se orçava mais linda (.) me saudou com o salvável carinho(.) adiante de amor. [...] E eu, para <nôjo> e emenda, carecia de uns tempos. [...].</p> <p>Ela tinha certeza de que eu ia retornar à Santa Catarina, renovar; e trajar terno de sarjão, <flôr> no peito, sendo o da festa de casamento. [...]. Conforme me casei, não podia ter feito coisa melhor././ como até hoje ela é minha muito companheira [...]</p> <p>Fragmento 3</p> <p>[...] Eu não tinha competência de querer viver, tão acabadiço, até o cumprimento /de/ respirar me sacava. E, Diadorim, às <vêzes> conheci que a saudade <dêle> não me desse repouso; nem o <nêle> imaginar. [...]</p> <p>ROSA, João Guimarães. <i>Grande sertão: veredas</i>. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967. p. 453-454; 456-457; 458.</p>	<p>Fragmento 2</p> <p>[...]. Afirmo ao senhor, minha Otacília ainda se orçava mais linda(,) me saudou com o salvável carinho(,) adiante de amor. [...] E eu, para <nojo> e emenda, carecia de uns tempos. [...].</p> <p>Ela tinha certeza de que eu ia retornar à Santa Catarina, renovar; e trajar terno de sarjão, <flor> no peito, sendo o da festa de casamento. [...]. Conforme me casei, não podia ter feito coisa melhor/,/ como até hoje ela é minha muito companheira [...]</p> <p>Fragmento 3</p> <p>[...] Eu não tinha competência de querer viver, tão acabadiço, até o cumprimento /do/ respirar me sacava. E, Diadorim, às <vezes> conheci que a saudade <dele> não me desse repouso; nem o <nele> imaginar.</p> <p>Guimarães Rosa, João. <i>Grande sertão: veredas</i>. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.</p>

FLP21(1)

Como observado, há a presença de variantes acidentais, mas também a substituição da pontuação no texto didatizado, o que ocasiona a mudança no ritmo da leitura, e da palavra /de/ (texto-base) pela palavra /do/ (texto didatizado), o que se caracteriza como uma variante substantiva, já que há uma nítida diferença entre dizer “até o cumprimento /de/ respirar me sacava” (texto-base) e “até o cumprimento /do/ respirar me sacava” (texto didatizado).

Além disso, no que concerne ao texto-fonte utilizado pelo editor, verificamos algumas incongruências, a saber: o editor do LDLP menciona que a edição consultada é a de 1978, mas não cita o número da edição e nem as páginas de onde retirou os fragmentos, o que dificulta a consulta, por parte do leitor, dos trechos na edição supracitada.

Destarte, assim como nos demais LDLPs, é interessante destacar o contexto em que tais fragmentos são apresentados, a fim de melhor compreendermos a relação entre o ensino de literatura e a transmissão de textos, via LDLP. Assim, os trechos do romance estão dispostos no capítulo 8 do LDLP dedicado à “terceira

geração modernista brasileira”, em que há um tópico intitulado “Primeira leitura”, no qual há a apresentação de 3 fragmentos independentes, sendo que o primeiro apresenta apenas variantes acidentais, acompanhados de pequenos vocabulários do romance *Grande sertão: veredas*, que versam sobre os sentimentos de Riobaldo em relação a Diadorim (Maria Deodorina) e a Otacília, duas mulheres que lhe despertaram o amor em épocas e em circunstâncias diferentes.

Pode-se notar pela leitura que, no primeiro fragmento, há a narrativa em que Riobaldo descobre que Diadorim é mulher - para seu espanto e surpresa; no segundo fragmento, narra-se o momento em que Riobaldo conhece Otacília, sua futura esposa, e o momento em que o personagem nos conta o consentimento da sogra e dos familiares da sua pretendente para o casamento; e no terceiro e último fragmento, há a narrativa em que Riobaldo vai visitar o túmulo de Diadorim (Maria Deodorina da Fé Bettancourt Marins) e relembra o sofrimento de ambos, o quanto a amou e o quanto agora é amado por Otacília.

Nas duas páginas seguintes à leitura dos fragmentos, há uma série de exercícios interpretativos acerca dos trechos lidos, incluindo-se notas de esclarecimento sobre o escritor e o romance, sobre a linguagem utilizada por Guimarães Rosa e sobre o momento histórico em que a obra fora produzida, além de um fragmento sobre a opinião crítica de Beth Brait sobre *Grande sertão: veredas*, publicada na obra *Guimarães Rosa: literatura comentada* (1982). Feitas essas considerações, passemos à análise do texto 4:

Quadro 5 - Cotejo entre o texto-base e o texto 4 didatizado.

Texto-base	Texto didatizado
– <i>Grande sertão: veredas</i> (1967)	– <u>Texto 4</u> constante em <i>Português: Língua, Literatura e Produção de texto</i> (2004), p. 143
<p>[]- (NONADA). Tiros que o senhor ouviu foram de briga de homem não, Deus esteja. [...]. Por meu <acêrto>. [...] Mesmo que, por defeito como nasceu, arribitado de beiços, /êsse/ figurava rindo feito pessoa. Cara de gente, /cara/ de cão: determinaram < -- > era o demo. Povo prascóvio. Mataram. Dono <dêle> nem sei quem /fôr/. [...]</p>	<p>[“]- (Nonada). Tiros que o senhor ouviu foram de briga de homem não, Deus esteja. [...]. Por meu <acerto>. [...] Mesmo que, por defeito como nasceu, arribitado de beiços, /essa/ figurava rindo feito pessoa. Cara de gente, /carão/ de cão: determinaram < > era o demo. Povo prascóvio. Mataram. Dono <dele> nem sei quem /foi/. [...]</p>
<p>ROSA, João Guimarães. <i>Grande sertão: veredas</i>. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967. p. 9.</p>	<p>ROSA, João Guimarães. <i>Grande sertão: veredas</i>. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.</p>

A partir do cotejo do texto 4 com o texto-base, podemos identificar, além da omissão da acentuação, o acréscimo de aspas no começo do fragmento, o que pode ser entendido como uma forma de sinalizar o início do trecho citado, bem como a alteração da formatação/apresentação da primeira palavra – Nonada – que aparece apenas com a inicial maiúscula, em oposição ao texto-base, e a substituição de palavras como /êsse/ para /essa/, /cara/ para /carão/ e /fôr/ para /foi/, no texto didatizado.

Entretanto, o editor do LDLP aponta, ao final do fragmento, que utilizou como texto-base a primeira edição de *Grande sertão: veredas*, de 1956, o que é um equívoco, pois, ao confrontarmos a edição de 1956 com o texto didatizado,

verificamos que elas não se correspondem, o que evidencia que a edição utilizada pelo editor do LDLP não foi uma edição genuína ou que foi corrompida, como pode ser verificado a seguir.

Quadro 6 - Cotejo entre a primeira edição de *Grande sertão: Veredas* (1956) e o texto 4 didatizado.

Primeira edição de <i>Grande sertão: Veredas</i> (1956)	Texto didatizado – <u>Texto 4</u> constante em <i>Português: Língua, Literatura e Produção de texto</i> (2004), p. 143
<p>[]- (NONADA). [...]. Por meu <acêrto>. [...] Mesmo que, por defeito como nasceu, arrebitado de beiços, /êsse/ figurava rindo feito pessoa. Cara de gente, /cara/ de cão: determinaram < -- > era o demo. Povo prascóvio. Mataram. Dono <dêle> nem sei quem /fôr/. [...]</p>	<p>[“]- (Nonada). [...]. Por meu <acerto>. [...] Mesmo que, por defeito como nasceu, arrebitado de beiços, /essa/ figurava rindo feito pessoa. Cara de gente, /carão/ de cão: determinaram < > era o demo. Povo prascóvio. Mataram. Dono <dele> nem sei quem /foi/. [...]</p>
<p>ROSA, João Guimarães. <i>Grande sertão: veredas</i>. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956. p. 9.</p>	<p>ROSA, João Guimarães. <i>Grande sertão: veredas</i>. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.</p>

Em vista da existência das modificações do texto didatizado, podemos afirmar que há variantes substantivas no fragmento constante no LDLP, o que implica em uma transmissão corrompida do texto-fonte. Além disso, o texto que o editor disse que consultou não corresponde à primeira edição, publicada em 1956 sob a autorização de Guimarães Rosa, o que nos leva a repensar sobre a credibilidade da fonte citada pelo editor do referido LDLP. Outra questão que não pode passar despercebida é a falta de aviso sobre a atualização ou não da ortografia constante no fragmento disposto no LDLP. Em outras palavras, não há, no livro didático, nenhuma menção de que os textos apresentados estariam transcritos de acordo com a ortografia atual, o que se consolida quando, ao revisitar a primeira edição do romance, identificamos que não somente a ortografia sofreu modificações, mas também e principalmente porque houve a substituição de algumas palavras por outras, como podem ser verificadas no cotejo entre a edição de 1956 e o texto didatizado, o que corrobora a nossa hipótese de que o texto-fonte utilizado pelo editor é uma versão corrompida do texto autorizado por Guimarães Rosa e publicado em 1956.

No mais, assim como fizemos com os demais textos didatizados, verificamos o contexto em que o fragmento do romance roseano aparece. Feito isso, identificamos que o trecho do romance é apresentado na unidade que trata do Modernismo no Brasil, no capítulo 12. Nele são trazidas informações históricas, mescladas com as produções e escritores literários do período, nos quais é apresentada “a narrativa universalizante” da terceira geração modernista, com foco especial em Guimarães Rosa, desde sua biografia até o seu estilo literário inovador.

Em sequência, quando se toca no assunto do sertão, é-nos apresentado o romance *Grande sertão: veredas*, cuja descrição narrativa desemboca no fragmento transcrito anteriormente. Após o trecho da obra citada, o autor do LDLP continua a sua narrativa sobre o romance, seguida de uma introdução sobre a escritora Clarice Lispector e suas obras.

Nas atividades propostas na segunda página, após o fragmento do romance de Guimarães Rosa, há 4 questões sobre o narrador, a linguagem e o momento

histórico da obra *Grande sertão: veredas*. Após isso, começam questões semelhantes sobre um trecho de *Laços de família*, de Clarice Lispector, sem, no entanto, ser apresentada ao leitor o ano e a edição da referida obra.

Passemos à análise do último LDLP:

Quadro 7 -Cotejo entre o texto-base e o texto 6 didatizado.

<p>Texto-base – <i>Grande sertão: veredas</i> (1967)</p>	<p>Texto didatizado – <u>Texto 6</u> constante em <i>Língua e Literatura</i> – Vol. 3 (2000)</p>
<p>Fragmento 1</p> <p>Amigo? Aí foi isso que eu entendi? Ah, não; amigo, para mim, é diferente. Não é um ajuste de um dar serviço ao outro, e receber, e saírem por <este> mundo, barganhando ajudas, ainda que sendo com o fazer a injustiça aos demais. Amigo, para mim, é só isto: é a pessoa com quem a gente gosta de conversar, do igual o igual, desarmado. O de que um tira prazer de estar próximo. Só isto, quase; e os todos sacrifícios. Ou - amigo - é que a gente seja, mas sem precisar de saber o por quê é que é. <Amigo meu era Diadorim; era o Fafafa, o Alaripe, Sesfrêdo. Ele não quis me escutar. Voltei da raiva.></p> <p>ROSA, João Guimarães. <i>Grande sertão: veredas</i>. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967. p. 179.</p>	<p>Fragmento 1</p> <p>Amigo? Aí foi isso que eu entendi? Ah, não; amigo, para mim, é diferente. Não é um ajuste de um dar serviço ao outro, e receber, e saírem por <este> mundo, barganhando ajudas, ainda que sendo com o fazer a injustiça aos demais. Amigo, para mim, é só isto: é a pessoa com quem a gente gosta de conversar, do igual o igual, desarmado. O de que um tira prazer de estar próximo. Só isto, quase; e os todos sacrifícios. Ou - amigo - é que a gente seja, mas sem precisar de saber o por quê é que é.</p> <p>ROSA, Guimarães. <i>Grande sertão: veredas</i>. São Paulo: Abril, 1983. p. 130.</p>
<p>Fragmento 2</p> <p>[...] a Mulher disse: carecia de se lavar e vestir o corpo. Piedade, como que ela mesma, embecendo toalha, limpou as faces de Diadorim, casca de tão grosso sangue, repisado. E a beleza <dêle> permanecia, só permanecia, mais impossivelmente. [...] Os olhos <dêle> /ficados/ para a gente ver. A cara economizada, a <bôca> secada. [...]</p> <p>Eu [] dizendo que a Mulher ia lavar o corpo <dêle>. [...]. Mandou todo <o> mundo sair. [...]</p> <p>Diadorim – nú de /tudo/. E ela disse: - “A Deus dada. Pobrezinha...”</p> <p>[...] Mas <aqueles> olhos eu beijei, e as faces, a <bôca>. /Adivinhava/ os cabelos. [...]</p> <p>ROSA, João Guimarães. <i>Grande sertão: veredas</i>. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967. p. 453-454.</p>	<p>Fragmento 2 – Grande sertão: veredas</p> <p>[...] a Mulher disse: carecia de se lavar e vestir o corpo. Piedade, como que ela mesma, embecendo toalha, limpou as faces de Diadorim, casca de tão grosso sangue, repisado. E a beleza <dele> permanecia, só permanecia, mais impossivelmente. [...] Os olhos <dele> /ficaram/ para a gente ver. A cara economizada, a <boca> secada. [...]</p> <p>Eu [ia] dizendo que a Mulher ia lavar o corpo <dele>. [...]. Mandou todo < > mundo sair. [...]</p> <p>Diadorim – nú de /todo/. E ela disse: - “A Deus dada. Pobrezinha...”</p> <p>[...] Mas <aqueles> olhos eu beijei, e as faces, a <boca>. /Adivinhara/ os cabelos. [...]</p> <p>ROSA, Guimarães. <i>Grande sertão: veredas</i>. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983. p. 423.</p>

No primeiro fragmento há uma variante acidental no que concerne à omissão da acentuação da palavra <este>, constante no texto-base e reproduzida no texto

didatizado, sem a acentuação. Além disso, o trecho “Amigo meu era Diadorim; era o Fafafa, o Alaripe, Sesfrêdo. Êle não quis me escutar. Voltei da raiva.” foi completamente omitido do texto didatizado, no qual nem sequer foi inserido, por exemplo, um colchete com reticências ([...]) para sinalizar a existência do fragmento.

O segundo fragmento, por sua vez, apresenta omissões na acentuação, supressão da palavra <o> na frase: “Mandou todo <o> mundo sair” e também adição da palavra [ia] no trecho: “Eu [ia] dizendo que a Mulher ia lavar o corpo”, ambas presentes no texto didatizado.

Outras variantes substantivas que aparecem no segundo fragmento são as substituições das seguintes palavras: /ficaram/ por /ficados/, /todo/ por /tudo/, /adivinhara/ por /adivinhava/, que se caracterizam como variantes substantivas, já que interferem significativamente no processo de transmissão do texto. Ademais, nota-se que os referidos fragmentos foram extraídos de edições publicadas por duas editoras diferentes. Contudo, o LDLP não explica o por quê de ter retirado os fragmentos de duas e não de uma única obra. Assim, todas as variantes nos fazem repensar sobre a mesma questão levantada anteriormente: a confiabilidade dos textos literários utilizados como fontes pelo editor do LDLP.

Sobre o contexto em que os excertos aparecem, é necessário informar que o primeiro fragmento está disposto na unidade 14, que versa sobre o *Modernismo no Brasil – terceira fase*. Nessa parte, há textos explicativos acerca do contexto histórico, das manifestações artísticas, da arquitetura e do teatro do período, verticalizando para a literatura, na qual encontramos o primeiro fragmento, inserido na seção sobre a prosa da terceira fase do Modernismo.

Já o segundo fragmento está inserido em outra parte do LDLP, denominada unidade 16 – *a prosa na terceira fase do Modernismo (II) Guimarães Rosa* – cuja seção sobre literatura possui a biografia de Guimarães Rosa e suas obras, incluindo um texto sobre a narrativa de *Grande sertão: veredas*, seguido do segundo fragmento do romance, o qual é o centro de algumas questões interpretativas, que versam sobre o estilo de Guimarães Rosa e o da época em que o romance fora produzido.

FLP21(1)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo sendo uma atividade milenar, a Crítica Textual mantém o mesmo objetivo: a edição de textos. Entretanto, com o método criado por Karl Lachmann, no século XIX, a filologia adquiriu o status de ciência, o que só foi possível a partir do momento em que foram pensados critérios e uma metodologia para o estabelecimento de textos antigos ou perdidos. Na contemporaneidade, a Crítica Textual tem ganhado espaço significativo quando o assunto é o estabelecimento de uma edição crítica de textos literários, o que ratifica o objetivo principal daquela disciplina.

Embora não tenhamos feito uma edição crítica de *Grande sertão: veredas* (1967), tomamos como ponto de partida o embasamento teórico disponibilizado pela Crítica Textual e enveredamos pelos livros didáticos de Língua Portuguesa, a fim de verificar o seguinte: De que forma os textos literários são transmitidos e/ou adaptados aos LDLPs? Existem critérios, anunciados pelos editores nos próprios LDLPs, aplicados aos textos literários para essas adaptações? Em que medida é possível aferir a

manutenção ou não da genuinidade dos textos literários nos LDLPs? As fontes ou os textos-base escolhidos para a seleção dos textos literários a serem diagramados nos LDLPs são passíveis de confiabilidade?

Tendo em mente as questões e as considerações de Mendes (1986) sobre os textos literários dispostos nos LDLPs, chegamos, a partir das análises apresentadas ao longo deste trabalho, a algumas conclusões. Primeira, como os livros didáticos possuem um espaço pré-definido para a editoração dos textos, as obras literárias tendem a sofrer adaptações ou cortes, o que é compreensível, mas o que mais nos surpreendeu foi, na maioria dos casos, a não sinalização de que se trata de um fragmento e a ausência de referência bibliográfica completa, pois não constam nem a edição e nem a página da obra consultada, em alguns livros didáticos, o que dificulta a vida do leitor, caso deseje ler aquele fragmento direto no texto-fonte.

Segunda, a falta de critérios que deveriam ser pré-anunciados antes dos fragmentos literários ou na apresentação do livro, a fim de que o leitor/estudante em formação esteja ciente dos cortes ou adaptações que foram feitos com os textos literários, disponíveis naquele LDLP.

Terceira, como verificado nas análises, alguns fragmentos destoam significativamente do texto-base (1967) aqui utilizado, o que nos leva a aferir que os textos sofreram corrupção em seu processo de transmissão, fato que pode desencadear, nos leitores, uma visão deturpada do romance, já que não se trata apenas de omissão, acréscimo, alteração e substituição de acentuação, pontuação e de palavras, mas do conhecimento e interpretação do texto em si.

Quarta, em alguns casos, as fontes escolhidas pelo editor como textos-fonte não são passíveis de confiabilidade, principalmente porque, como observado no LDLP 4, o texto de 1956 citado como fonte não corresponde à primeira edição, disponível nas bibliotecas brasileiras, o que compromete a credibilidade do LDLP, haja vista a citação de uma fonte corrompida e que, ao ser verificada, é diferente da que se encontra no referido LDLP.

Diante dos cotejos e das análises apresentadas, podemos afirmar que dos 5 livros estudados, apenas os textos dos livros 3, 4 e 6 apresentam variantes substantivas no que concerne à pontuação e à alteração ou omissão de palavras, que interferem no sentido dos textos, o que nos leva a refletir sobre os efeitos das interpretações daqueles por parte dos seus leitores, em especial os alunos da Educação Básica, que, muitas das vezes, têm acesso pela primeira e, talvez, única vez ao texto literário disponível no LDLP, o que é preocupante, haja vista a amostra da existência dos problemas decorrentes do processo de transmissão dos textos aqui apresentados. Sobre as variantes acidentais, todos os textos didatizados apresentam ortografia atualizada, mesmo quando isso não deveria acontecer, como é o caso do fragmento supostamente retirado da primeira edição de *Grande sertão: veredas* (1956), na qual a acentuação deveria ser mantida, por conta de sua data de publicação.

Por fim, apesar de se tratar de um trabalho em que mapeamos o processo de transmissão de um texto literário tão importante na Literatura Brasileira, como é o caso de *Grande sertão: veredas*, podemos afirmar que a investigação não se encerra por aqui, pelo contrário, serve como incentivo para futuros trabalhos, inclusive os subsequentes a este, que tratem da Crítica Textual como parceira para o ensino de línguas e para auxiliar a produção dos LDLPs junto aos seus editores, sempre que isso seja possível.

REFERÊNCIAS

- Abaurre M, Pontara M, Fadel T. Português: Língua, Literatura e Produção de texto. 2ª ed. São Paulo: Moderna; 2004. (Vol. único).
- Amaral E, et al. Novas palavras: Língua Portuguesa: ensino médio. 2ª ed. São Paulo: FTD; 2005.
- Araribá Plus Português. 4ª ed. São Paulo: Moderna; 2004.
- Baldow VMFS. A genuinidade de textos literários em livros didáticos de língua portuguesa [dissertação]. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana; 2013.
- Blecua A. Manual de crítica textual. Madrid: Editorial Castalia; 1983.
- Bueno FS. Estudos de filologia portuguesa. 5ª ed. São Paulo: Saraiva; 1967.
- Dubois J, et al. Dicionário de Lingüística. Direção e coordenação geral da tradução: Prof. Dr. Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix; 1993.
- Cambraia CN. Introdução à crítica textual. São Paulo: Martins Fontes; 2005.
- Faraco CE, Moura FM. Língua e Literatura. 21ª ed. São Paulo: Ática; 2000. (Vol. 3)
- Glossário de crítica textual. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade de Lisboa. [citado 24 jul. 2019]. Disponível em: <http://www2.fcsh.unl.pt/invest/glossario/glossario.htm>.
- Infante U. Curso de literatura de língua portuguesa. São Paulo: Scipione; 2001. (Vol. único)
- Maia JD. Português: Volume único. 2ª ed. São Paulo: Ática; 2005.
- Mendes MG. A fidedignidade dos textos nos livros didáticos de comunicação e expressão no Brasil. Encontro de Crítica Textual: o manuscrito moderno e as edições. Anais ... 1986;1:163-174.
- Rosa G. Grande Sertão: veredas. Rio de Janeiro: J. Olympio; 1956.
- Rosa G. Grande Sertão: veredas. 5ª ed. Rio de Janeiro: J Olympio; 1967.
- Rosa G. Grande sertão: veredas. 19ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 2001.
- Spaggiari B, Perugi M. Fundamentos de crítica textual. Rio de Janeiro: Lucerna; 2004.
- Spina S. Introdução à edótica: crítica textual. 2ª ed. rev. e atual. São Paulo: Ars Poética/ Edusp; 1994.

FLP21(1)